

# China: O “Grande Salto para a Frente” e a “Revolução Cultural”<sup>1</sup>

Carlos I. S. Azambuja\*

*“Existe uma noção muito difundida, mas falsa, de que o comunismo e o socialismo são meramente versões seculares e atualizadas do cristianismo. Como o filósofo russo do Século XIX Vladimir Soloviev apontou, a diferença é que enquanto Jesus instigava seus seguidores a abrir mão de seus bens, os socialistas e os comunistas querem dar os bens dos outros.”*

(Richard Pipes. *Comunismo*. Editora Objetiva, 2001)

Segundo os cálculos, o comunismo é responsável por cerca de 100 milhões de mortos. Só na China somam 65 milhões e na União Soviética, 20 milhões. A maioria dos chineses foi dizimada pela fome desencadeada a partir do *Grande Salto para a Frente*, a pior fome da História, acompanhada de ondas de canibalismo e de campanhas de terror contra os camponeses acusados de esconder comida.

Na União Soviética, de 1917 a 1953, quando morreu Stalin, os expurgos, a fome, as deportações em massa e o trabalho forçado nos Gulags causaram a morte de 20 milhões de pessoas. Somente a fome de 1921-22, desatada pelo confisco de alimentos dos camponeses, matou cerca de 5 milhões de pessoas.

Os marxistas-leninistas, considerando sua doutrina uma ciência, tentaram analisar suas experiências e aprender com seus erros, não tanto em relação ao objetivo último do movimento, que permaneceu além da crítica, mas à sua estratégia e táticas. Lênin aprendeu com Marx que, para impedir uma contra-revolução, tinha de demolir impiedosa e completamente a estrutura institucional do capitalismo. Observan-

do o revisionismo dos sucessores de Stalin, Mao Tsé-tung concluiu que não bastava demolir as instituições. Devia-se mudar o homem. Mudar o ser humano é, evidentemente, o objetivo último do marxismo. Ou melhor, criar um homem-novo. Mas Mao decidiu que isso deveria ser realizado sem demora e empenhou toda a sua vida em concretizar esse objetivo.

Para isso, os comunistas chineses estabeleceram um regime totalitário modelado minuciosamente segundo o soviético. Mas havia diferenças. Uma delas era que, enquanto a ditadura soviética, herdeira do czarismo, não se importava muito com o que o povo pensava, contanto que se resignasse e fingisse acreditar, os comunistas chineses estavam determinados a alcançar uma conformidade intelectual e espiritual genuína. Essa aspiração estava enraizada no confucionismo, que enfatiza a perfeição moral e deseja que os governos se assentem na virtude moral, em vez de na mera coerção. Mas foi imediatamente inspirada pelo medo de Mao de que as mentes de seus súditos fossem remodeladas de modo que pudessem assimilar completamente as doutrinas de Marx, Lênin e dele próprio. A China sofreria o mesmo destino da Rússia soviética. Isto é, tornar-se-ia revisionista e abandonaria a fé verdadeira.

<sup>1</sup> Publicado em Mídiasemáscara em 4 de maio de 2006.

\* O autor é militar e historiador.

Essas premissas de Mao levaram a experimentos fantásticos, todos abortados, com grande perda de vidas humanas e prejuízo do bem-estar das pessoas. Cidadãos chineses, especialmente os intelectuais, suspeitos de defenderem pensamentos anacrônicos ou subversivos, foram submetidos à *redução sistemática*, muitas vezes em campos de concentração, nos quais eram expostos ao que, apropriadamente, passou a ser chamado de lavagem cerebral. Ou seja, a tortura mental com o propósito de quebrar o espírito.

As mesmas suposições também geraram o *Grande Salto para a Frente*, projeto lançado em 1958. Inspirado pelo desejo de demonstrar ao mundo que a China havia encontrado uma maneira melhor e mais rápida de superar o atraso econômico do que a dos russos, Mao, então, declarou ao mundo que a meta da China era a de ultrapassar, em cinco anos, a produção britânica de carvão e aço. Isso seria realizado por mais de meio bilhão de pessoas, arrebanhadas em 24 mil *comunas do povo*. Um exemplo perfeito da disposição de Mao para ignorar a realidade econômica baseava-se no teorema explicado no *Pequeno Livro Vermelho de Mao*, que, durante algum tempo, foi o único disponível na China: *“À parte suas outras características, o que mais se destaca sobre os 600 milhões de pessoas da China é serem ‘pobres e vazias’. Talvez isso pareça ruim, mas, na verdade, é bom. A pobreza dá origem ao desejo de mudança, o desejo de ação e o desejo de revolução. Em uma folha de papel em branco, sem nenhuma marca, as letras mais frescas e belas podem ser escritas, os quadros mais belos e frescos podem ser pintados.”*

Isso foi dito de uma nação que tinha atrás de si milhares de anos na condição de Estado.

Um *slogan* do *Grande Salto para a Frente* prometia solenemente: *“Ensinares o sol e a lua a trocarem de lugar, criaremos um novo paraíso e uma nova terra para o homem.”* Portanto, o marxismo, que para seus fundadores era uma doutrina estritamente materialista, nas mãos de Mao Tsé-tung, que se proclamou marxista,

transformou-se em um idealismo utópico que subordinava a realidade à vontade humana.

O *Grande Salto* provocou tamanho caos econômico que teve de ser abandonado. O custo em vidas humanas foi desconcertante. A fome mais mortífera da História da humanidade sacrificou então 43 milhões de vidas num período de escassez de alimentos que o mundo exterior não teve conhecimento. Mas o fracasso não desencorajou Mao, e sua megalomania atingiu dimensões desumanas. Sentindo-se cada vez mais isolado de seu próprio partido, em 1966 lançou mais uma campanha bizarra, dessa vez dirigida contra intelectuais e funcionários do partido que, ele temia, levariam a China ao mesmo caminho traiçoeiro que a União Soviética havia percorrido. Essa cruzada recrutou jovens urbanos para a Guarda Vermelha, a fim de realizar o que oficialmente foi rotulado de Grande Revolução Cultural. Foi um acontecimento sem precedentes que levou a vida cultural do país à estagnação. Por dez anos – a partir de 1966 até 1976, quando morreu Mao – a China, uma das civilizações mais antigas do mundo, foi devastada por hordas de bárbaros que haviam sido ensinados a considerar tudo o que estava acima de sua compreensão como apto à destruição. Em seu auge, todas as escolas foram fechadas, e nenhum livro ficou disponível, exceto compêndios e obras de Mao. A Guarda Vermelha atacou intelectuais e obrigou-os a se humilharem publicamente, torturou e matou muitos deles. Milhares de funcionários do partido sofreram tratamento semelhante.

Em 1966, Mao lançou a Revolução Cultural. Tratava-se de reduzir a pó os vestígios do passado, de eliminar tudo quanto falasse da alma espiritual ou evocasse a beleza. Os cenários e guarda-roupas da Ópera de Pequim foram queimados. Tentou-se demolir a Grande Muralha, e os tijolos arrancados serviram para construir chiqueiros! Era proibido possuir gatos, aves ou flores! A Revolução Cultural postulava a rup-

tura com as idéias e tradições de milênios, arrancando pela raiz a velha ideologia, a antiga cultura, os ancestrais usos e costumes criados por todas as classes de exploradores dos últimos séculos e criar entre as massas uma cultura totalmente nova para os usos e costumes do proletariado.

À palavra intelectual acrescentava-se sempre o qualificativo fedorento. Os professores deviam desfilar por ruas e praças em posições grotescas, latindo como cães, usando orelhas de burro, se autodenunciando como inimigos *de classe*. Alguns, sobretudo diretores de colégios, foram mortos e comidos. Templos, bibliotecas, museus, pinturas, porcelanas, viraram cacos ou cinzas. A Revolução Cultural foi uma campanha para a implantação dos valores culturais socialistas. Para Mao, o marxismo-leninismo deveria adaptar-se à cultura do povo chinês.

Fábricas e universidades foram fechadas, a fim de combater os *desvios burgueses* e a *ideologia fascista da hierarquia do saber*. Nas escolas que permaneceram abertas foram abolidos provas e exames, tidos como *típicos exemplos da competitividade burguesa*.

Os mortos são calculados entre 400 mil a 1 milhão, e os encarceramentos em torno de 4 milhões: uma alucinante ninharia, se comparada aos massacres do *Grande Salto para a Frente!* Apesar disso, a Revolução Cultural serviu como fonte de inspiração para algumas revoluções como, por exemplo, a do Camboja e foi, e ainda é, utilizada como modelo por organizações terroristas, como o Sendero Luminoso, no Peru.

Chiang-Ching, mulher de Mao, e mais três fanáticos (Yao Wenyuan, Zhang Chunqiao e Wang Hongwen), grupo que ficou conhecido como o *Bando dos Quatro*, quase arruinaram a nação. Época vergonhosa em que matilhas de imberbes, fanatizados pela leitura das citações selecionadas por Lin-Piao do *Livrinho Vermelho* do camarada Mao, tomaram de assalto as ruas ocupando escolas, fábricas e repartições públi-

cas, dando caça àqueles que consideravam contra-revolucionários. A milenar cultura chinesa esteve ameaçada por essas hordas de ultra-radicais insuflados pela madame Ching, uma atriz, terceira mulher de Mao Tsé-tung.

A lava humana, formada por milhares de jovens enlouquecidos, marchando ao som de cornetas e tambores, embalados por cantorias revolucionárias, queimava tudo à sua passagem. Personagens consagrados do mundo das letras, da educação, da cultura, das ciências e das artes, denunciados como direitistas conciliadores, foram submetidos a rituais públicos humilhantes, indignos, bestiais.

Arrastadas pelas ruas, com cartazes infamantes pendurados no peito, parecendo os sacrificados dos tempos da Santa Inquisição, as vítimas dos guardas vermelhos foram socadas e chutadas pelas turbas vociferantes, furiosas. Milhares foram linchados, outros foram afogados em massa em Xangai. Nem mesmo alguns membros da alta hierarquia do Partido Comunista, considerados dúbios, foram poupados.

Esse frenesi antiintelectual só cessou com a morte de Mao, em 1976.

Todavia, embora os atuais dirigentes chineses afirmem que a Revolução Cultural foi um dos piores erros de Mao, o sistema amarelo de campos de concentração foi (e continua sendo) o maior do mundo. Até meados da década de 1980, mais de 50 milhões de infelizes passaram por ele. A média de ingresso nesse sistema é de 1 a 2 milhões de pessoas por ano, e a população carcerária atinge, em média, a cifra de 5 milhões. Os presos-escravos vivem psicologicamente infantilizados, num sistema de autocriticas e delações mútuas. Esses cárceres, disfarçados em unidades industriais do Estado, desempenham até hoje importante papel nas exportações chinesas. Pense nisso o leitor quando lhe oferecerem um produto chinês a preço ínfimo.

Impressionante é que não foram poucos os intelectuais ocidentais que simpatizaram

com as barbaridades de Mao e que buscaram a *sabedoria* em seus escritos insípidos.

Isso, no entanto, cedo ou tarde iria trazer conseqüências. Agora, em janeiro de 2005, matéria divulgada pelo jornal *Beijing Morning Post*, transcrita pelo *O Globo* de 4 de janeiro, nos dá conta de uma pesquisa realizada pela Universidade Normal de Pequim que indicou que 70% dos adolescentes da China odeiam seu país e não suportam a pressão por maior competitividade. Segundo o estudo realizado com 3 mil estudantes secundaristas de Pequim, 6,6% têm medo de seus pais, 13% o detestam e 58,3% o odeiam. É esse o homem-novo criado por Mao Tsé-tung.

Desde que, em 2004, o Presidente Hu Jintao assumiu o controle total do poder na China, o Departamento de Propaganda do Partido Comunista Chinês vem aumentando a monitoração do que é dito e exibido na Internet (agora, as empresas são obrigadas a manter um arquivo, por tempo indeterminado, de todo o conteúdo das mensagens enviadas pelos assinantes, bem como mantê-lo disponível para consulta governamental), celulares, no rádio, na TV, em quadros de avisos de universidades, em manifestações populares e – pasmem – também na imprensa estatal.

O Ministério da Segurança Pública definiu também um novo tipo de crime, que chama de *contradições em meio à população*. Contradições é a palavra usada pelo governo para se referir aos distúrbios sociais cada vez mais freqüentes no país. Como escreveu Olavo de Carvalho em um artigo recente, durante o ano de 2005 eclodiram na China 87 mil protestos (contradições) e nenhum deles foi noticiado pela mídia nacional, ao passo que qualquer passeata anti-Bush em Nova York ou na Califórnia é alardeada como sinal de queda iminente do império norte-americano.

E para que o homem-novo não envelheça, o diretor de Publicidade do Comitê Central do

Partido Comunista Chinês proibiu no ano passado a circulação de 79 jornais e 169 revistas, como parte de uma campanha para *purificar* o mercado cultural. O pretexto para essas medidas stalinistas foi a luta contra a pornografia e a pirataria. E os expurgos não cessaram: recentemente, Li Datong, editor do popular *Bingdian Weekly*, suplemento semanal que circula há 11 anos com o jornal *China Youth Daily*, foi demitido, e o suplemento, fechado, por ter publicado um artigo de um professor chinês criticando a abordagem dos livros didáticos sobre a História da China.

De forma surpreendente, no entanto, ocorreu uma reação. Conforme informam as agências internacionais de notícias, um grupo composto por veteranos integrantes do partido, acadêmicos e ex-editores dos maiores jornais do país, divulgou uma carta aberta à população condenando a decisão do governo de ter fechado o suplemento *Bingdian*. Eles consideram que o fechamento não é um caso individual, mas “a *continuação de práticas de uma administração maligna*”, e concluem: “Somos todos antigos revolucionários inspirados por nosso senso de liberdade, apesar de já estarmos envelhecendo (...) mas, revendo as lições que aprendemos nos últimos 70 anos, sabemos que, uma vez perdida a liberdade de expressão, as autoridades só conseguem ouvir uma só voz.”

Recentemente, o escritor francês Guy Sorman, que passou todo o ano de 2005 percorrendo a *China de baixo*, ou seja, aquela das províncias e das aldeias onde vive cerca de 80% da população, constatou que os chineses não têm nenhum direito: nada de propriedade privada, nada de liberdade de expressão. Eles são oprimidos pelos chefetes do Partido Comunista. Escapar dessa miséria é quase impossível, pois as antigas redes de solidariedade, a família e os templos foram aniquilados pelas revoluções. Para as crianças, o futuro é desesperador; as escolas são miseráveis e custam caro aos pais.

Resta o êxodo: 200 milhões de chineses vagam de um canteiro de obras para outro, o desemprego atinge 20% da população e as doenças estão por toda parte – aids, malária, tuberculose. E não há rede de saúde pública. A saúde é sempre paga (*O Ano do Galo, Chineses e Rebeldes*. Paris: Editora Fayard).

Tudo isso demonstra, como afirmou Stéphane Courtois, um ex-maoísta convertido em crítico feroz do socialismo real, organizador do *Livro Negro do Comunismo*, que o crime é intrínseco à doutrina científica e não apenas um instrumento de Estado ou um desvio stalinista de uma ideologia de princípios humanitários. A escritora chinesa Jang Chung, autora de uma devastadora biografia de Mao, termina o livro com a melancólica observação de que o retrato do tirano continua pendurado na Praça da Paz Celestial, em Pequim.

Um telegrama da *BBC*, de 20 de abril de 2006, dá conta de que a China executou oficialmente 1.770 prisioneiros no ano passado, o equivalente a mais de 80% das aplicações da pena de morte realizadas em todo o mundo no ano passado, de acordo com um relatório divulgado nesse mesmo dia pela Anistia Internacional.

Para se ter uma idéia, apesar de a China ter oficialmente executado 1.770 prisioneiros, o relatório da Anistia Internacional diz que, segundo um perito chinês, esse número estaria por volta de 8.000 execuções. Considerando que uma pessoa pode ser condenada à pena de morte na China por 68 delitos diferentes, incluindo crimes não-violentos como sonegação de impostos, enriquecimento ilícito e tráfico de drogas, esse número pode ser considerado possivelmente verdadeiro.

No entanto, parece que o mundo está interessado não nos 65 milhões de vítimas do regime que se apoderou da China em 1949 e nos campos de concentração atuais, onde são retirados e vendidos órgãos de pessoas presas ainda vivas! Isso não interessa. O que interessa são as... taxas de câmbio, como demonstra o comunicado divulgado no dia 21 de abril de 2006 pelo G-7. Segundo o comunicado, é desejável que a China tenha “maior flexibilidade na taxa de câmbio, a fim de que os ajustes necessários ocorram”. As miseráveis vítimas foram solenemente ignoradas pelos ilustres representantes da França, Alemanha, Canadá, EUA, Itália, Japão e Reino Unido, os sete países mais desenvolvidos. ☺